

Corpo: memória, presença e profecia na arte de ser feliz

Rosana Araujo Viveiros¹

Doutoranda do Pontifício Instituto Orientale

Resumo: O corpo humano é símbolo do dom que o Criador ofereceu gratuitamente ao ser humano e é através dele que o ser humano, no sagrado do seu existir, exprime uma memória, uma presença e uma profecia carregadas de uma mística cotidiana na arte de ser feliz. Essa memória é possível ser expressa por meio da história de amor na qual se foi gerado e chamado a existir. A presença, por sua vez, é percebida por meio de uma relação consigo, com o Criador e com o criado na construção de relações solidárias e fraternas em consonância com o designo divino que, de acordo com a teologia cristã, é também relação. Profecia, que vislumbra o ultrapassar-se os limites concernentes às vicissitudes corporais no intuito de viver a comunhão entre divino e humano. Ultrapassar-se, que implica acolher a condição corporal e, a partir dela, anunciar a vida que somos convidados a viver segundo a vida divina revelada pelo Verbo que se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1,14). As linguagens, bíblica e poética, nos convidam a contemplar o corpo como lugar deste encontro, que revela a verdadeira felicidade que vem da parte do próprio Deus para sua criação. Para tal, nesta comunicação, buscaremos explicitar esta dinâmica através do pensamento do teólogo Carlo Rocchetta, expresso em sua obra, *Lo stupore della corporeità* e da poesia, *A arte de ser feliz*, de Cecília Meireles. A correlação desses diversos olhares nos ajudam a compreender que através de nosso corpo, no cotidiano, contemplamos e acolhemos o mistério sagrado do existir que implica no coexistir com os outros corpos no mundo, no tecer a nossa história. Faremos um simples percurso explicitando a perspectiva da corporeidade na criação, que nos ajudará a compreender e a descobrir, no dia a dia, o mistério de sermos corpo e habitarmos num corpo que porta de forma unitária, carne, alma e espírito. Bem como, descobriremos que a dinâmica sacramentaria nos ajuda a estar em comunhão com Deus e com a criação em vista de nossa felicidade que coincide com a felicidade dos outros. Afinal, tenho corpo e faço parte de um só corpo, o Corpo de Cristo.

Palavras-chave: Corpo; linguagem, cotidiano; felicidade; mística.

INTRODUÇÃO

O corpo humano é símbolo do dom que o Criador ofertou gratuitamente a cada um de nós. É através da corporeidade que, no sagrado do nosso existir, exprimimos uma memória, uma presença e uma profecia carregadas de uma mística cotidiana na arte de sermos felizes. Essa memória é expressa por meio da história de amor na qual fomos gerados e chamados a existir. A presença, por sua vez, é percebida por meio de uma relação consigo, com o Criador e com o criado na construção de relações solidárias e fraternas em consonância com o designo divino que, de acordo com a teologia cristã, é também relação. Profecia, que vislumbra o ultrapassar-se os limites concernentes às vicissitudes corporais no intuito de

¹ Rosana Araujo Viveiros, doutoranda pelo Pontifício Instituto Orientale, Roma; mestra em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, MG; docente de teologia na área sistemática; pedagoga e assessora de cursos para a Vida Religiosa Consagrada e formação para vida cristã, orientadora de retiros espirituais. Religiosa da Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade. E-mail: rosana.aviveiros@gmail.com

viver a comunhão entre divino e humano. Ultrapassar-se, que implica em acolher a condição corporal e, a partir dela, anunciar a vida que somos convidados a viver segundo a vida divina revelada pelo Verbo que se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1,14).

Que relação existe entre o nosso corpo e a Revelação de Deus? Qual o sentido de sermos seres com um corpo que possui vida, desejos e sonhos? Ao longo dos séculos o corpo foi visto como lugar de suspeita e de ambiguidades por meio de diversas leituras. De qual corpo falamos? Hoje qual corpo está no centro dos diversos interesses? Os questionamentos são muitos e não temos a pretensão de respondê-los, mas sim de provocar reflexões sobre o corpo a partir da visão cristã e da realização humana na história. A nossa corporeidade porta um mistério que se desvela no cotidiano de nossa existência por meio das relações que estabelecemos.

As linguagens, bíblica e poética, nos convidam a contemplar o corpo como lugar de encontro, que revela a verdadeira felicidade que vem da parte do próprio Deus para com a sua criação. Neste texto buscaremos explicitar esta dinâmica através do pensamento do teólogo Carlo Rocchetta², expresso em sua obra, *Lo stupore della corporeità* e da poesia, *A arte de ser feliz*, de Cecília Meireles³. A correlação desses diversos olhares nos ajudam a compreender que através de nosso corpo, no cotidiano, contemplamos e acolhemos o mistério sagrado do existir que implica no coexistir com os outros corpos no mundo, na tessitura de nossa história com nosso Criador.

Em um simples percurso procuraremos explicitar a perspectiva da corporeidade na criação, que nos ajudará a compreender e a descobrir, no dia a dia, o mistério de sermos corpo e habitarmos num corpo que porta de forma unitária, carne, alma e espírito. Bem como, descobriremos que a dinâmica sacramentaria nos ajuda a estar em comunhão com Deus e com a criação em vista de nossa felicidade que coincide com a felicidade dos outros. Afinal, temos um corpo e fazemos parte de um só corpo, o Corpo de Cristo.

1 PERSPECTIVA DA CORPOREIDADE NA CRIAÇÃO⁴

A Sagrada Escritura narra a criação afirmando que cada ser vivente foi criado “segundo a sua espécie”, porém do ser humano se diz que sua espécie é divina, “façamos o homem a nossa imagem e a nossa semelhança” (Gn 1,26-27) inclusive em sua corporeidade. Nos dois

2 Monsenhor Carlo Rocchetta, sacerdote e teólogo. Foi professor de sacramentaria na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, na Faculdade Teológica de Firenze e na Pontifícia Universidade Lateranense. Autor de diversas obras e artigos.

3 Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964) nasceu no Rio de Janeiro no dia 7 de novembro de 1901. Seu pai faleceu poucos meses antes de seu nascimento e sua mãe logo depois que ela completou 3 anos. Ela foi criada por sua avó materna, Jacinta Garcia Benevides. Cecília foi poetisa, professora, jornalista e pintora brasileira. Foi a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas.

4 Seguiremos o pensamento de Rocchetta para explicitar a perspectiva da corporeidade na criação, sobretudo a partir do capítulo sexto, *Corporeità e creazione*, da sua obra, *Lo stupore della corporeità*.

poemas bíblicos sobre a criação do ser humano (cf. Gn 1-2) descobrimos que ele é totalmente depende do gesto criador de Deus pois d'Ele recebeu todo o seu ser, corpo-alma-espírito, bem como a capacidade de existir e de agir.

No primeiro poema bíblico (cf. Gn 1), da tradição conhecida como sacerdotal, vemos que o ser humano representa o vértice e o coroamento da criação. Em seu corpo ele possui todos os elementos presentes na criação e recebe de Deus a tarefa de dominá-la no intuito de que ela chegue à sua plenitude. No segundo poema (cf. Gn 2), da tradição reconhecida como javista, o ser humano modelado da terra é tornado um ser vivente pelo sopro divino e recebe a missão de cultivar e guardar a criação como representante do Criador. Nesta visão, o ser humano é considerado como um todo e o seu corpo é relacionado com a terra e com o céu. Ele é argila que vive a partir do sopro vital de Deus (cf. Gn 2,7). O corpo vivente é chamado “carne”, em hebraico *basar*, carne que vive pelo “espírito”, em hebraico *ruah*. O ser humano é, portanto, um composto unitário de terra e de sopro vital, e ambos são de Deus, criados pela sua Palavra.

Esta unidade de *humus*, que é a nossa carne, e o sopro divino, nosso espírito, convivem de forma unida e tensa, pois o espírito necessita da carne para exprimir-se assim como a carne, que entendemos como nosso corpo, sem o espírito não pode transcender-se. Mistério e beleza de nossa corporeidade. O desafio é viver a unidade sem desprezar e nem sobrepor uma a outra. E quem nos ensina a conviver de forma harmônica a beleza deste desafio? O Verbo feito carne nos doou em sua corporeidade uma visão totalmente nova do corpo. Segundo Carlo Martini,

assumindo a nossa carne mortal, o Filho de Deus quis participar da nossa fraqueza, da nossa fragilidade. Uma fragilidade que não obscurece a beleza do nosso corpo. Na verdade, o corpo de Jesus é a revelação da glória, da visibilidade do Invisível, narração de Deus entre os homens, assim também o nosso corpo em sua totalidade, carne e espírito, é destinado a ser espelho da beleza divina (2000, p. 42s).

Deus é o fundamento do existir humano, pois “n'Ele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28). Na perspectiva bíblica o ser humano é visto como cooperador do Criador e não concorrente com Ele. Criado livre, o ser humano é o único ser capaz de decidir-se e de assumir as responsabilidades de suas escolhas. No entanto, faz-se necessário que cada ser humano compreenda que a liberdade de escolha comporta o comprometimento de sua missão de ser co-criador e guardião da criação, segundo o mandato divino, com toda a sua corporeidade, no cotidiano de sua existência.

O corpo possui um sentido global. Hoje corremos o risco de desmembrá-lo e perder este sentido primordial. Basta verificarmos as especializações médicas que cuidam de uma parte do corpo, embora vejamos também a crescente busca pelo cuidado do corpo como um organismo geral e interligado. No entanto, o que encontramos, na maioria das vezes, são os cuidados das particularidades. Inclusive isto ocorre nas publicidades de produtos para

algumas partes do corpo não levando em conta que nosso corpo antes e mais que ser objeto, ele é sujeito de tudo que somos, fazemos e sentimos.

O nosso corpo é lugar do conhecimento de nós mesmos, dos outros e do mundo. Na poesia de Cecília Meireles, *A arte de ser feliz*, encontramos uma dinâmica de abertura de sua janela que, ao nosso ver, trata-se do modo como a poetisa brasileira enxerga e se relaciona com a criação através de sua própria corporeidade. “Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. [...] eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz”.

Segundo alguns comentaristas esta poesia é como se fosse uma crônica-síntese do projeto estético-pedagógico de Cecília Meireles. Desde o título somos inseridos num processo de aprendizagem. A poesia é composta de seis estrofes. Em cada uma delas, Cecília fala da abertura de sua janela e narra como ela mantém, diante das vicissitudes da vida, a decisão de ser feliz ao contemplar o criado sabendo-se parte dele. No último parágrafo, a poetisa faz uma síntese do que foi visto por meio de sua janela aberta em cada uma das estrofes.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Somos interpelados a nos posicionar diante do convite feito: a ter novos olhares para vermos as coisas, as pessoas, a criação, além da aparência. Pois como bem disse Antoine de Saint-Exupéry “o essencial é invisível aos olhos, e só se pode ver bem com o coração”. A nossa corporeidade é a nossa janela, abertura com a qual olhamos o mundo e nos relacionamos com o Criador e com o criado. É a partir de nosso corpo, no cotidiano de nossa existência, que vivemos a mística do sagrado do nosso existir. Ele é memória do amor criativo e gratuito de Deus. É presença do agir de Deus no mundo e profecia do que somos chamados a ser e a viver por meio de nossa corporeidade na relação humana e divina.

O corpo humano é um mistério, provoca estupor. A carne passa, mas é portadora de uma realidade que a transcende. O nosso corpo carrega a aventura do nosso nascer, crescer e viver. Por isso, tudo o que vivemos, sentimos, desejamos, toda a nossa história, as nossas alegrias e dores, as nossas esperanças e as nossas feridas estão todas inscritas em nossa carne e reveladas cotidianamente em nossa corporeidade. Segundo Rocchetta,

o nosso corpo reassume em si uma multiforme riqueza de significados: é metáfora do cosmo do qual manifesta a plenitude, a unidade e a harmonia; é símbolo real, expressivo e ativo do eu espiritual, ‘cifra’ e índice de cultura, ‘espaço’ de experiência de Deus. Diante do corpo não se pode não provar um grande estupor, não se pode não se maravilhar (2019, p.11).

Este maravilhar-se nos ajuda a não perder o contato com o nosso corpo como um todo para não gerar uma obsessão que nos conduza a uma visão egoísta do corpo individual e, assim, sermos conscientes de que nosso corpo faz parte de um corpo maior, o da humanidade. Somos corpo com outros corpos no mundo. Para nós cristãos, através dos sacramentos nosso corpo é inserido no Corpo de Cristo e entra em comunhão com Deus e com toda a criação para ser memória, presença e profecia na arte de ser feliz.

2 A DINÂMICA SACRAMENTARIA. CORPO: MEMÓRIA, PRESENÇA E PROFECIA NA ARTE DE SER FELIZ

No evangelho de João encontramos uma afirmação decisiva quanto ao modo de Deus agir: “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória” (Jo 1,14). Nesta verdade da revelação está condensada uma nova maneira de falar sobre o nosso corpo e de viver o nosso ser à imagem de Deus. O Verbo assumiu nossa condição de forma integral e, armando sua tenda entre nós, permanece conosco revelando constantemente sua glória. Mas qual é a sua glória? Manter um corpo “sarado” seguindo os padrões de imagem que a cultura nos impõe ou um corpo que é dado, doado até as últimas consequências, deixando-se traspassar (cf. Jo 19,34)? É a imagem desse segundo corpo, o corpo de Jesus de Nazaré, imagem visível do Deus invisível (cf. Cl 1,15) que fomos criados e chamados a viver seguindo o seu estilo, nos moldes de sua corporeidade encarnada na história.

Pelo mistério da encarnação e da ressurreição de Jesus, o cristianismo tem em seu centro a corporeidade. O cristão é chamado a viver sua corporeidade a partir de sua incorporação ao Corpo de Cristo ressuscitado, tornando-se assim, membro da Igreja, que é o Corpo de Cristo. Esta incorporação se dá no sacramento do Batismo e se desenvolve por meio dos outros sacramentos que nos conduzem ao processo de nossa conformação a Cristo. Por meio dos sacramentos, nosso corpo exprime uma memória, uma presença e uma profecia carregadas de uma mística cotidiana na arte de ser feliz. A corporeidade é memória de um Amor pois segundo Rocchetta,

o corpo aparece como o sinal visível de um Amor que nos precede, nos acompanha e nos segue sem cessar. A nossa corporeidade não é o efeito de um jogo impessoal ligado ao acaso ou a circunstâncias fortuitas, mas é a expressão de um gesto pessoal divino. Isto vale não apenas para a vida física, mas para cada pessoa em sua ir-repetibilidade individual. Existir para o homem é receber a existência de Deus e decidir-se responsabilmente a realizá-la. A corporeidade humana é o sinal de uma existência doada (2019, p. 166s).

Através dos sacramentos o cristão vive uma relação profunda de intimidade com Deus e com os outros. Na relação com Deus, descobrimos que o ser humano não existe por si mesmo, mas como expressão de um dom recebido do Criador e por isso ele é orientado

radicalmente para Deus, ou seja, para viver em relação permanente com Ele. Assim, “a dignidade do homem postula que ele glorifique a Deus no próprio corpo” (GS 14). No entender de Rochetta, “a corporeidade é ao mesmo tempo ‘espaço’ e ‘lugar de escolha’ através do qual nos decidimos moralmente diante de Deus e do seu mandamento com um ‘sim’ ou um ‘não’” (2019, p. 173).

Pelo batismo iniciamos uma vida nova, que requer um novo itinerário de vida, que parte de nosso interior, mas que se desemboca em nosso exterior. Nesta nova rota não basta apenas tomar consciência deste ser nova criatura, mas é preciso viver conforme o novo estado de vida recebido. Trata-se do nosso processo de conformação a Jesus Cristo, pela graça do Espírito, no convívio com os outros, no mundo. “O nosso corpo é para o Senhor e o Senhor é para o corpo” (1Cor 6,13). A reciprocidade expressa nesta estupenda afirmação do Apóstolo Paulo é um mistério que nos ajuda a compreender que, pela Encarnação do Verbo e pela nossa incorporação ao Corpo de Cristo, a nossa corporeidade é sacramento fundamental do encontro de Deus com a humanidade e da humanidade com Deus.

É no corpo e através dele que se dá este encontro. Quando Cecília Meireles fala em sua poesia da cidade feita de giz em nosso imaginário vem logo a referência a nossa contingência que foi assumida pela Trindade quando num dado momento da história humana o Verbo se fez carne (cf. Jo 1,14). Aquele que é infinito assumiu o finito, fez sua morada em nossa carne, no giz de nossa existência, em nossa vulnerabilidade. O verbo “abrir”, presente no início de cada estrofe, indica transbordamento, graça. Supõe identidade e alteridade. Deus em seu infinito amor se abre a nós permanecendo Deus Criador e nos introduz em sua vida pela comunhão, nós permanecendo criaturas.

Assim, o Filho nos mostrou com sua própria vida como participar da vida de Deus, afinal foi para isso fomos criados (cf. 2Pd 1,4) e nisso consiste a nossa realização, a nossa felicidade. No entanto, nada acontece de forma mágica, mas supõe um itinerário dinâmico. A memória de Jesus de Nazaré nos ajuda a entrar em seu estilo de vida para vivermos nosso processo de humanização que supõe a inserção neste Caminho. A vida espiritual, com o uso da imaginação, nos instiga a viver concretamente esse itinerário. Afinal a vida espiritual é a vida vivida como liberdade encarnada que vai nos humanizando uns com os outros, por meio de nossa corporeidade, cotidianamente. É na relação com o outro que nos humanizamos. Somos seres sociais e nos realizamos no encontro com o outro com o qual compartilhamos o que somos e temos. O existir supõe o coexistir. E o corpo é presença e linguagem, é a forma visível com a qual nos fazemos presentes aos outros, nos comunicamos e entramos em relação.

Nosso corpo é o lugar no qual experimentamos Deus e exprimimos nossa relação com o nosso Criador. Em nossa corporeidade fazemos memória deste Amor divino, mas não apenas memória porque pela corporeidade somos também presença de Deus no mundo, já que somos sua “imagem e semelhança” (cf. Gn 1,26s). Trata-se da presença de um Deus que

nos criou gratuitamente por amor e que, segundo Rocchetta, “nos convida a reconhecê-lo e a partilhar com os outros os bens da criação, bendizendo-O” (2019, p. 159).

Cecília Meireles testemunhou esta presença por meio de suas poesias. O seu modo de viver, cotidianamente, transparece em sua escrita e, em sua corporeidade, nos revela o sagrado do seu existir. Em sua primeira infância marcada pela perda de seus pais, ela cresce aprendendo a viver e a conviver com perdas no superamento delas. Seu corpo carrega a marca destas perdas, mas as supera por meio de sua corporeidade que vive uma mística cotidiana de superação. Isto verificamos em sua criação literária que, para ela, caracteriza-se por responder à necessidade e ao desejo de resistir à dor diante das contradições, enquadrando-se, assim, como poesia da resistência, em suas várias facetas.

A partir do título da poesia, “*A arte de ser feliz*”, percebemos a noção de aprendizado que se estende por todo o texto, o qual nos sugere que é preciso aprender através da arte, apreender novos olhares sobre o mundo, saber olhar pelas janelas, quem sabe, aprender até mesmo a abrir as janelas para viver o mistério de ter sido criado gratuitamente com um corpo vivificado pelo Espírito. Nesta poesia Cecília nos convida a reler as marcas de Deus em nossa vida (a teografia) para abriremos nossas janelas na perspectiva do abrir-se de Deus à humanidade. Se não sei o que me move por dentro não conseguirei enxergar para além das aparências.

Nossa presença no mundo deve portar aquela presença do Jesus de Nazaré que por onde passava deixava o “rastro de Deus, o odor de Deus” seja em suas palavras ou em suas obras. Por isso devemos purificar nosso olhar sobre nós mesmos e sobre os outros para vivermos integrados em nossa corporeidade, janela aberta ao mundo. O corpo é a nossa janela aberta que nos possibilita não só estar presente no mundo, mas atuar nele por meio das relações que estabelecemos. A relação com o mundo, com a criação, nos faz perceber que a corporeidade é sinal visível de que o ser humano é constituído dos mesmos elementos do universo. Segundo Rocchetta, “o corpo é o sinal e o princípio da capacidade do homem de dominar o mundo e colocá-lo a serviço de seu desenvolvimento” (2019, p. 169).

Somos chamados, em nosso corpo, a viver a dinâmica que viveu o Verbo ao se encarnar: “este é o meu corpo que é dado por vós” (Lc 22,19). Corpo recebido e corpo doado. Jesus de Nazaré é a revelação de Deus para nós. Ele é a narração do Pai entre nós (cf. Jo 1,18). Inseridos em seu Corpo, somos também chamados a ser presença da beleza divina no mundo, acolhendo este dom e sendo dom. Trata-se da profecia que anuncia o novo céu já aqui numa nova terra porque vivemos de um modo novo. Pelo sacramento do Batismo o cristão passa a ser um homem novo, que nasce novamente, mas agora com um nascimento do alto, ou seja, do Espírito (cf. Jo 3,7-8). Somos novas criaturas! Rocchetta afirma que,

o corpo do batizado representa o espaço no qual a redenção atuada por Cristo se faz presente e se cumpre. [...] A corporeidade do batizado é chamada a fazer-se epifania viva desta novidade. Para o batizado, a existência no mundo transforma-se em uma liturgia viva que

canta a glória de Deus. Com a sua corporeidade, ele participa desta incessante liturgia inscrita no seio da história (2019, p. 248s).

Viver a dinâmica desta liturgia, em nossa corporeidade, nos propicia viver o fundamento de nossa vida que consiste em servir, louvar e reverenciar ao nosso Criador e Senhor. A graça dos sacramentos nos conduz a viver segundo o Espírito, testemunhando o reinado de Deus entre nós por meio de nossa corporeidade. Trata-se de viver segundo o Espírito que não nos coloca em oposição entre corpo e alma, mas nos remete a escolha de como viver, se escolhermos a dinâmica de viver segundo o “homem novo” ou segundo o “homem velho” (cf. Rm 8,1-13; Gl 5,16-25).

À GUIA DE CONCLUSÃO

O corpo é símbolo do amor criativo de Deus. No cotidiano expressamos através dele o sagrado do nosso existir por meio de nossas escolhas. Seguindo a dinâmica sacramentaria, em nosso corpo manifestamos a memória do amor gratuito de Deus, a presença do Verbo feito carne e a profecia de ultrapassar os limites para viver uma relação profunda entre o divino e o humano. É através de nossa corporeidade que aprendemos a arte de ser feliz. Por isso, somos convidados a cuidar de nosso corpo tendo como paradigma o Corpo do Verbo encarnado.

Na Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, encontramos um convite a cuidar de nosso corpo pois é através dele que acolhemos, vivemos e manifestamos nossa realidade de seres criados à imagem e semelhança do Criador. “Não é lícito ao homem desprezar a vida corporal; ele é obrigado a considerar o próprio corpo como bom e digno de honra porque ele foi criado por Deus e destinado à ressurreição no último dia” (GS 14). Portanto, a corporeidade é símbolo visível do dom e da dependência invisível que nos remete ao Criador.

Rocchetta recorre ao pensamento de João Batista Metz para explicitar a beleza do corpo, no processo de nosso relacionamento com Deus e de nossa santificação, que passa necessariamente pelo corpo. “O corpo é espaço específico, santificado e santificante, do acolhimento da graça divinizante de Cristo e a própria forma de sua *sequela*” (2019, p. 245). A beleza do corpo do cristão tem seu fundamento no dom da graça divinizante.

Faz-se necessário abrir-nos a uma nova experiência de Deus que nos integre e nos ajude a testemunhar sua presença no mundo. Não mais um Deus de nossas ideias e palavras, mas o Deus de Jesus Cristo que entra na história e caminha conosco (cf. Mt 28,20b). Nossa maneira de ver a realidade e as pessoas se amplia e nos coloca numa postura de integração com todos e com tudo a partir da experiência com esse Deus. Isso gera em nós uma nova sensibilidade para acolher a atuação de Deus e, ao mesmo tempo, nos capacita a visibilizar, através de nossa corporeidade, a imagem de Deus mais próxima da que nos foi revelada por Jesus de Nazaré.

Através da poesia, *A arte de ser feliz*, descobrimos o modo de olhar a criação e a nós mesmos por meio de nosso corpo. Este modo de olhar nos convida sempre a ver o bom e o belo nos outros, em nós mesmos e na criação. Creio que se trata do encontrar Deus em tudo e, a partir daí, viver uma vida feliz no sentido de realizada, não pronta, porque somos tarefa, mas em processo como muito bem afirma Guimarães Rosa: “O Senhor, mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando” (2001, p. 39). Olhar como Deus nos olha nos ajuda a viver nossa corporeidade neste processo de nossa realização pessoal porque nos faz estar comprometidos com o outro, com o mundo e com o projeto salvífico de Deus presente na arte de ser feliz.

BIBLIOGRAFIA

MARTINI, Carlo Maria. *Sul corpo*. Milão: Centro Ambrosiano, 2000.

ROCCHETTA, Carlo. *Lo stupore della corporeità*. Storia e teologia. Assisi: Porziuncola, 2019.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Sobre a poesia, *A arte de ser feliz*, de Cecília Meireles utilizamos os sites abaixo:

Disponível em: < <https://www.infoescola.com/literatura/cecilia-meireles/>>. Acesso em: 27 março 2019.

Disponível em: < https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/>. Acesso em 27 março.

Disponível em : < https://www.suapesquisa.com/biografias/cecilia_meireles.htm>. Acesso em: 09 abril 2019.